

## OS LIMITES ENTRE O ERÓTICO E O PORNOGRÁFICO EM *O AMANTE DE LADY CHATTERLEY*

Laura Cristina Leal e Silva\*

**Resumo:** A relação entre o sexo e a arte é antiga. Na literatura, ela é recorrente. Caracterizar uma obra como erótica ou pornográfica é atribuir um juízo de valor a ela. Esse estudo pretende delinear os conceitos de erótico e pornográfico, através de pesquisa bibliográfica, para compreender como eles se aproximam ou se distanciam. No romance analisado, erotismo e pornografia aparecem juntos e separados, de modo que se torna complexo estabelecer limites entre os dois. Esse estudo está fundamentado em autores como Maingueneau (2010), Carpeaux (2007), Lawrence (2010), Durigan (1986), Beauvoir (2009), Lapeiz e Moraes (1984) e Castello Branco (1984).

**Palavras-chave:** erotismo; pornografia; modernismo inglês.

### THE LIMITS BETWEEN EROTIC AND PORNOGRAPHIC IN *LADY CHATTERLEY'S LOVER*

**Abstract:** The relationship between sex and art is ancient. In the literature, it is recurring. Characterizing a work as erotic or pornographic is to assign a value judgments it. This paper pretends to delineate the concepts of erotic and pornographic, through bibliographic search, to understand how they close or move away. In the studied novel, erotism and pornography appear together and separately, so that makes complex to stablish borders between the both ideas. This work is based in authors like Maingueneau (2010), Carpeaux (2007), Lawrence (2010), Durigan (1986), Beauvoir (2009), Lapeiz e Moraes (1984) and Castello Branco (1984).

**Keywords:** eroticism; pornography; English Modernism.

### Introdução

O que é erótico? O que é pornográfico? O quanto esses conceitos se dissociam ou se aproximam? Quem determina o valor de uma obra que trabalha nessa linha? Quem as conceitua como literatura ou paraliteratura? Quem dita se ela é digna de pertencer ao cânone literário ou está mais para um romance desses vendidos em bancas de jornais?

Tal qual o sexo é tabu na sociedade, essas questões muitas vezes são feitas de maneira velada. E tão, ou mais velada são as suas possíveis respostas. Nisso reside a

---

\* Professora Especialista no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), Campus Lábrea.

justificativa para esse trabalho. Não que se pretenda aqui dissolver todas essas dúvidas, mas sim, elucidá-las até onde for possível.

Tentar estabelecer limites e definir conceitos entre erotismo e pornografia é uma tarefa complicada, uma vez que se lida com significados, concomitantemente próximos e distantes. Pornografia e erotismo mesclam-se e se confundem por diversas vezes. Os teóricos dessa vertente deparam-se com dificuldades e complexidades na hora de fincar esses limites semânticos. Portanto, tentaremos delinear o mais nitidamente possível as diferenças e similaridades entre os dois conceitos.

De forma semelhante, tematizar o sexo na literatura comumente suscita um grande número de dúvidas concernentes à qualidade literária da obra. O autor que percorre esse caminho sofre ao transitar na tênue linha que divide – ou não – o erótico e o pornográfico. A ideia que norteia esse estudo é tentar delimitar essa linha entre pornografia e erotismo dentro da literatura. Especificamente, no romance *O amante de Lady Chatterley* (2008), do inglês D. H. Lawrence.

### **O que é erótico?**

Erótico reporta-se a *Eros*, deus grego do amor que remete ao impulso de vida que aproxima e une os seres. O erótico, talvez até pela etimologia da palavra, tem uma aceitação melhor dentro da sociedade. Diferente do pornográfico que é visto com algo sujo, escuso, que deve permanecer na obscuridade.

Castello Branco (1984) relata que, segundo a mitologia grega, no início dos tempos existiam três tipos de seres, o masculino, o feminino e o andrógino. Esses últimos sendo seres que possuíam duas faces, dois membros inferiores e superiores e os dois sexos. Por serem assim, tornaram-se indivíduos arrogantes e terminaram sendo divididos em duas partes por Zeus. A partir disso, cada um passou a procurar sua outra metade e quando eles se encontravam, ao impulso que promovia sua união denominou-se Eros. Logo, Eros seria a força que une os corpos fisicamente da maneira mais profunda.

Quando se pensa em "erótico" temos a ideia de algo velado, que não se mostra de forma escancarada. É provável que a origem do termo propicie a ele um caráter mais sublime, até poético. É claro que tal qual a pornografia ele está diretamente relacionado

ao sexo. Entretanto, isso ocorre de um modo menos explícito. O erotismo se manifesta nas entrelinhas, é mais sugerido do que objetivo.

### **O que é pornográfico?**

O conceito de pornografia remete ao grego *porné*, significando prostitutas, ou seja, literalmente representação das prostitutas, de tudo que diz respeito a suas atividades de alcova. D. H. Lawrence (2010b), em ensaio intitulado "Pornografia e Obscenidade", questiona esse conceito afirmando que se prostituta é aquela que recebe dinheiro em troca favores sexuais, quantas mulheres houve e ainda há, de bom berço e bons casamentos, que são tão prostitutas quanto as outras.

O dicionário online Houaiss (2007) traz ainda pornográfico como “estudo das prostitutas; característica do que fere o pudor; obscenidade; indecência; licenciosidade; violação ao pudor, ao recato, à reserva, socialmente exigidos em matéria sexual; indecência, libertinagem, imoralidade”. Isto é, tudo o que vai contra as normas sociais concernentes à sexualidade é considerado pornográfico, obsceno. Lawrence (2010b) define obscenidade como aquilo que não pode ser exibido em cena. É um termo ligado à dramaturgia e se refere a tudo que não é digno de ser encenado no palco por conter características libidinosas ou impróprias aos olhos do público. Moraes e Lapeiz (1984, p. 110) afirmam que:

a palavra é uma corruptela ou modificação do vocábulo ‘scena’ e que seu significado literal seria ‘fora de cena’, ou seja, aquilo que não se apresenta normalmente na cena da vida cotidiana. Aquilo que se esconde. [...] Talvez nessa ambiguidade possamos encontrar o sentido da pornografia, se entendida como o discurso por excelência veiculador do obsceno: daquilo que se mostra e deveria ser escondido.

Geralmente, a pornografia vem associada a uma ideia de algo sujo, de baixo valor. É algo que a sociedade sabe que existe, mas age como se ela fosse invisível. Segundo Arns (2011, p. 137): “Pornografia mesmo, pertence ao submundo social e não tem vez na sociedade, porque representa um insulto ao sexo e ao espírito humano.” Tentar definir seu conceito é complicado, pois esbarramos muito em julgamentos de valor. Além disso, essa ideia se relativiza de acordo com a sociedade, a cultura e a época na qual se encontra.

Para empreender uma busca pela definição do termo – e esse é um caminho tortuoso em se tratando de literatura – é imprescindível que saibamos o que a

pornografia não é. Conforme Moraes e Lapeiz (1984, p. 111) “a pornografia só pode ser definida fora dela, a partir do que lhe é exterior e nunca de um espaço que lhe seja próprio.” Isto equivale dizer que o pornográfico é uma característica sempre presente no outro, é sempre exterior a nós.

Por outro lado, é um conceito relativo na medida em que o que é pornográfico para uns é diferente para outros. “Já dizia o escritor e cineasta francês Alain Robbe-Grillet, que *pornografia é o erotismo dos outros.*” (MORAES; LAPEIZ, 1984, p. 109). Dessa forma, é insatisfatório percorrer esse caminho recorrendo a juízos de valor, uma vez que essa relatividade torna difícil vislumbrar uma resposta clara e objetiva à questão proposta.

O que se pode afirmar com precisão é que pornográfico serve como adjetivador pejorativo. Seja qual for o gênero produzido, se ele é rotulado de pornográfico, perde imediatamente qualquer possibilidade de ser visto como algo de boa qualidade literária/artística. Haja vista que, a pornografia, independente das dificuldades inerentes à sua conceituação, é sempre associada ao lado obscuro da sociedade.

### **A diferença entre erótico e pornográfico**

“Tão logo apareça excitação sexual com o desejo de ofender o sentimento sexual, de humilhá-lo, de degradá-lo, o elemento pornográfico entra em cena” (LAWRENCE, 2010b, p. 99). É difícil delinear os significados porque em cada momento histórico, cada cultura e sociedade, eles se relativizam. Dizer que o texto pornográfico é aquele em que o autor intenta, propositadamente, instigar o desejo sexual não é correto. Haja vista que o que é estímulo sexual para uns pode não representar nada a outros.

Quando se discute os dois conceitos, aqui trabalhados surgem logo os juízos de valor, principalmente em relação à arte – particularmente a literatura. O erótico é aceitável, permitido, belo. Por outro lado, o pornográfico corresponde ao feio, sujo, imoral que veio para corromper a moral e os bons costumes – o quer que isso signifique.

Na literatura, erótico e pornográfico são utilizados como julgamento qualitativo em obras que tematizam o sexo. O erótico é possível e permitido, já o pornográfico fere a moral e os bons costumes, corrompendo nossos jovens. Maingueneau (2010, p. 22) diz que:

a característica mais evidente da literatura pornográfica é sua inserção radicalmente problemática no espaço social: trata-se uma produção tolerada, clandestina, noturna... O julgamento de 'pornografia' supõe a fronteira que separa as práticas dignas da civilização de pleno direito e as práticas que se situam aquém disso.

A literatura pornográfica situa-se assim à margem da sociedade, longe do olhar público, entretanto ela continua acontecendo à revelia da negação de sua existência. Não é possível que ela exista publicamente, mas também não há probabilidade de que ela seja extinta.

Tanto erotismo quanto pornografia tem estreita relação com o estímulo do desejo sexual. “O erotismo não imita a sexualidade, é a sua metáfora. O texto erótico é a representação textual dessa metáfora” (DURIGAN, 1986, p. 8). Quando um texto literário envereda pela temática sexual, ele poderá ou não estimular a libido do leitor.

Entretanto, uma questão ainda persiste: é possível valorar uma obra como erótica ou pornográfica baseada na intenção do autor de despertar o desejo sexual do público? Para conseguir tal feito é preciso levar em conta o objetivo do autor ao escrever e em literatura é complexo e perigoso analisar um texto baseado no que de fato o escritor tencionava com tal escrito.

A linha que cerca as definições de erótico e pornográfico são flexíveis e tênues. Os dois conceitos se associam e se dissociam conforme o contexto em que são utilizados. Na Inglaterra de *O amante de lady Chatterley*, qualquer texto que veiculasse conteúdo onde o sexo aparecesse, seja de qual forma, era considerado obsceno, licencioso, pornográfico. Na França, para se ter uma ideia, (CARPEAUX, 2007) Gustave Flaubert, foi julgado pela publicação de *Madame Bovary*. E tantas outras obras tiveram o mesmo destino em sua época, mas hoje figuram no cânone literário mundial.

Na literatura canônica, o erótico é apenas um qualificador positivo. Os críticos trabalham com a concepção literatura ou pornografia, porque esta última corresponde à paraliteratura. Na visão de Carpeaux (2007, p. 8), porém, essa separação é muito mais jurídica do que literária. “Essa questão não costuma ser discutida nas academias de Letras, mas perante os tribunais. É um caso de supressão de liberdade, portanto, um caso de polícia”. Isso se dá, porque não há elementos estritamente próprios de uma literatura erótica, para que se possa segregar o pornográfico. Haja vista que não podemos nos alicerçar na concepção de que pornografia é tudo que está voltado ao estímulo sexual, já que não existem pressupostos fixos que determinem o que influencia na libido de cada indivíduo.

Portanto, definir traços precisos e conclusivos sobre essa questão é algo tortuoso e perigoso. Durigan (1986) já alerta sobre isso no início de seu livro *Erotismo e Literatura*, alegando que são ideias subjetivas e que de acordo com a época e a cultura em que se encontram elas se modificam.

## **O autor e sua obra**

David Herbert Lawrence nasceu em 11 de setembro de 1885, num povoado de carvoeiros de Eastwood, Inglaterra (BARÇA, 1997). De origem pobre, seu pai era analfabeto e trabalhava nas minas. Sua mãe, uma ex-professora, era uma mulher bem educada e muito rígida. Ainda menino, contraiu pneumonia e nunca se refez completamente da doença. Estudou botânica e francês. Sentiu profundamente a morte da mãe, nunca superou completamente e por isso, o mistério da morte e a presença da morte na vida estão sempre presentes na sua literatura.

Casou com uma aristocrata alemã, de classe diferente da sua. Seu nome era Frieda, e para ela transferiu o carisma maternal. Ela transmitia segurança e estabilidade, essencial para sua vida de escritor e para balancear sua personalidade confusa e intrigante. Lawrence buscou o isolamento e em consequência morou em diferentes e remotos lugares, sempre insatisfeito e inquieto. Morreu em 1930, aos 50 anos, vítima de tuberculose. As suas obras são mareadas pelo ciclo consecução-fracasso, pela crença em uma vida primitiva e superracional, bem como pela certeza de que o instinto era superior à inteligência. (UNTERMAYER, 1996).

*O Amante de Lady Chatterley* (1928), durante décadas, na Puritana Inglaterra, foi condenada aos recônditos mais escuros das livrarias e bibliotecas por mostrar a adúltera “Lady Chatterley” descrevendo sua relação amorosa e sexual com o amante. Obra considerada obscena e imoral pelos críticos da época, teve um impacto bombástico dentro da sociedade Inglesa, razão pela qual foi proibida na Inglaterra, sendo o próprio Lawrence responsável pela publicação na França. Em artigo escrito dois anos após a publicação da obra, intitulado "A propósito de 'O amante de lady Chatterley'" o autor faz a seguinte afirmação:

É tão obviamente um livro escrito em desafio da convenção que talvez eu precise apresentar algum motivo para essa atitude de ruptura: pois o desejo tolo de *épater les bourgeois*, de chocar as pessoas banais, não merece ser cultivado. Se uso palavras tabu, é por um motivo. Jamais

libertaremos a realidade fálica do matiz de “elevação” se não usarmos para ela uma linguagem fálica própria, usando as palavras obscenas (LAWRENCE, 2010a, p. 470).

O autor revela, dentro do contexto de um ardente romance envolvendo duas pessoas de classes sociais diferentes, a preocupação pelo desejo físico e inibições psicológicas, o conflito entre a imperiosa exigência do sexo e a serenidade do amor. Além disso, faz uma crítica à transformação do homem pela exploração capitalista e a constante luta de classes, de interesses, tendo o dinheiro como a força motriz dessa desigualdade e conflitos.

O romance narra a história de Constance Chatterley, moça de família burguesa e liberal, que meses após seu casamento vê seu marido partir rumo à guerra. Quando ele volta paraplégico, ambos vão morar na propriedade rural dos Chatterley. Centrado em sua carreira literária e nos negócios da família, Clifford, o marido, afasta-se gradualmente da esposa. Isolada, Constance busca companhia no guarda-caças Oliver Mellors, um homem que vive recluso, após várias frustrações amorosas.

*O amante de lady Chatterley* causou choque e escândalo na puritana sociedade inglesa e até na América, o novo mundo. As descrições dos atos sexuais de Constance Chatterley foram – e ainda são – vistas como pornografia. Entretanto, o próprio autor D. H. Lawrence, questiona esse tipo de valoração e confere, em um dos seus ensaios, outras ideias para a compreensão de pornografia. Ele propõe que pornografia nada mais é do que a visão suja e deturpada que a sociedade tem acerca do sentimento sexual.

A protagonista, Constance Chatterley, é filha de pai artista e mãe socialista, viveu entre artistas, intelectuais e políticos. Foi criada em um ambiente de liberdade cultural, política e sexual. Ainda na adolescência, viajara para muitas cidades importantes da Europa a fim de se ambientar em lugares artísticos. Aos 15 anos foi estudar em Dresden, onde teve permissão para fazer o que quisesse. Com toda essa liberdade iniciou a vida amorosa antes do casamento e, juntamente com sua irmã Hilda, desfrutou da juventude. Esse ambiente familiar mais liberal propiciou a Constance uma visão menos puritana a respeito da sexualidade.

Quando as duas irmãs voltaram a Londres para as férias de 1913, Hilda com 20 anos e Constance, ou Connie, como era chamada – com 18 anos, seu pai percebeu imediatamente que já haviam experimentado o amor físico. O amor havia passado por ali, como disse alguém. Mas, homem experiente, Sir Malcom deixou que a vida seguisse seu curso. Já a mãe das meninas, uma inválida nos últimos

meses de vida, só desejava uma coisa – que as filhas fossem livres e realizadas (LAWRENCE, 2008, pp. 14-5).

Por outro lado, Sir Clifford é caracterizado como um indivíduo tímido e de caráter ultrasensível: “Clifford, entretanto, embora mais bem-educado que Connie, e de melhor ‘sociedade’, era de temperamento mais tímido” (LAWRENCE, 2008, p. 17). Depois que o irmão mais velho morre, ele se torna o herdeiro da família, situação que lhe causa angústia e medo. Casou-se logo por sugestão do pai, que gostaria que ele providenciasse herdeiros para dar continuidade ao nome dos Chatterley. Entretanto, não conferia muita importância ao sexo.

A união entre os dois aconteceu poucos meses antes de Clifford ir à guerra e, mais tarde, quando ele retorna paralisado e impotente, não há mais a possibilidade de uma criança para perpetuar a linhagem dos Chatterley.

Constance é descrita como tendo a saúde de uma camponesa e um corpo próprio para o sexo. Ela tinha uma vida sexual ativa e quando a deficiência do marido acaba com isso, ela começa a definhar. Lady Chatterley torna-se tão vazia quanto os contos que o marido escreve. Seu pai é o primeiro a notar o estado de apatia que acomete a personagem e por esse motivo sugere à filha que deveria arrumar um amante: “Seu pai advertiu-a de novo. – Por que não procuras um amante, Constance? Isso te faria bem.” (LAWRENCE, 2008, p. 28).

O primeiro amante de Lady Chatterley é Michaelis, escritor que fez fama no mundo literário. Por esse motivo ele é convidado à casa dos Chatterley, apesar de Sir Clifford considerá-lo um homem medíocre. Michaelis tem caráter e ideias bem divergentes do marido de Constance e talvez essa seja uma das razões que culminaram no seu *affair* com a protagonista. Numa saleta privada, da mansão dos Chatterley ocorre o primeiro encontro privado entre os futuros amantes. O contraste de sentimentos que inundam os personagens durante o encontro é intenso, como podemos observar no trecho a seguir:

Constance o mirou fascinada, enquanto ele se ajoelhava diante dela e lhe tomava nas mãos os dois pés, escondendo o rosto em seu colo imóvel. Completamente tonta com a pressão do rosto de Mick em suas coxas, Constance não pôde evitar de correr a mão pela nuca do homem trêmulo. Ele ergueu a cabeça e encarou-a com os olhos brilhantes, cheios de terrível apelo. A moça não pôde resistir. [...] A partir daquele instante ela lhe daria o que ele quisesse (LAWRENCE, 2008, p. 35).

O modo como Michaelis ajoelha-se aos pés de Constance e recosta sua cabeça em seu colo parece, num primeiro olhar, bem inocente, mas a sensualidade despertada pelo ato é muito forte. “A terrível atração que estava sentindo por aquele homem quase a fez perder o equilíbrio” (LAWRENCE, 2008, p. 34). Esse ambiente luxurioso confere ao primeiro encontro dos amantes caráter profundamente erótico. A ausência de referência explícita de cunho sexual reforça essa ideia.

Então amantes, lady Chatterley e Michaelis passam a se encontrar com mais frequência. Entretanto, ele não conseguia satisfazer plenamente a amante, e ela tinha que buscar por si mesma o orgasmo, depois do êxtase do companheiro: “Tinha o coito muito rápido, acabava depressa e abandonava-se sobre seus seios, deixando-a desapontada, perdida” (LAWRENCE, 2008, p. 39)

Lawrence vai, ao longo da estória, alternando entre descrições e narrações que podem ser consideradas pornográficas ou eróticas. A todo o momento em que o aspecto sexual protagoniza a narrativa essa oscilação vai acontecendo. A relação com Michaelis é breve e desenvolvida a partir desses dois polos distintos, ora pornográfico ora erótico.

O segundo e principal amante de lady Chatterley é Oliver Mellors. Pertencente a uma classe social mais baixa, lutou na guerra e alcançou patentes mais elevadas no exército, além disso, havia um refinamento nos seus modos. “Tinha minha fama como estudante, estivera no colégio de Sheffield, sabia francês, alemão e andava orgulhoso da minha superioridade” (LAWRENCE, 2008, p. 247). Tornou-se mais refinado, mas quando retornou às minas de carvão tentou portar-se como os seus iguais. Quando foi trabalhar na mansão dos Chatterley estava separado de sua esposa que fugiu com outro homem e a filha do casal ficou morando com a avó paterna.

Quando mais tarde Mellors fala de seu relacionamento com a esposa, Bertha Coutts, ele afirma que era uma tirana. As moças refinadas com as quais ele se relacionava contemplavam apenas o aspecto intelectual da relação e abominavam o lado físico e isso foi decisivo para que ele abandonasse-as e procurasse alguém que satisfizesse seu desejo sexual.

Na narrativa, quando Mellors descreve à amante os motivos que o levaram a se casar com a esposa, há inúmeras passagens permeadas de termos chulos e descrições cruas da vida sexual do casal. Segundo a personagem, a esposa, oriunda de estrato popular da sociedade, proporcionava a ele o que as outras com as quais ele se relacionava não conseguiam. Eles tinham uma vida sexual intensa diferente das outras moças com as quais ele se envolveu. Segundo Mellors: “As outras meninas, as ‘puras’

quase me tinham atrofiado os colhões, mas Bertha não merecia censura nesse ponto. Queria-me e não fazia caras. Subi ao céu” (LAWRENCE, 2008, p. 249).

Quando Constance vai ao casebre do guarda-caça levar um recado do marido, surpreende-o enquanto toma banho nu do lado de fora. Ela se esconde atrás dos arbustos e fica contemplando a cena.

Constance parou. A pouca distância o guarda-caça tomava banho ao ar livre, a mil léguas de supor uma presença estranha. Tinha o tronco nu; e o culote de veludo desabotoado, descia-lhe pelas cadeiras finas. Suas costas muito brancas curvavam-se sobre uma bacia de água espumarenta, na qual mergulhava a cabeça e a retirava com sacudidelas rápidas, esfregando depois a água de sabão nas orelhas e na nuca, ágil como a doninha que brinca no riacho acreditando estar completamente só. Constance deu meia-volta, na ponta dos pés, e entrou novamente no bosque. Sentia-se, sem saber por quê, vivamente emocionada (LAWRENCE, 2008, p. 85).

A cena descrita pode ser considerada erótica devido ao papel de *voyeur* de Lady Chatterley. Uma dama da sociedade numa situação desse tipo, pela lógica deveria se escandalizar, mas o fato de observá-lo furtivamente e mais ainda as sensações que isso provocam na personagem permitem um olhar erótico ao momento. Constance foge a princípio, todavia resolve voltar e cumprir o propósito que a levou ali. Ao chegar em casa se despe diante do espelho e fica a contemplar seu corpo. Essa contemplação da nudez humana, tanto a dela quanto a do guarda-caça tem um toque poético e isso contribui para a sensualidade da cena. Como pode ser corroborado com o fragmento a seguir:

Quando Constance subiu ao seu quarto, fez o que havia muito não fazia: despiu-se diante do espelho grande. [...] E pensou no que sempre pensara: na delicadeza de um corpo humano em estado de nudez... na fragilidade, na vulnerabilidade do corpo nu: algo inacabado, incompleto! Outrora gabavam-lhe as linhas esbeltas; hoje a considerariam fora de moda, mulher demais, sem nada da jovialidade tão desejada. Não era muito alta; ao contrário, um tanto escocesa, atarracada, mas possuía uma graça fugidia que pode ser chamada de beleza (LAWRENCE, 2008, p. 89-90).

Há uma aproximação entre os dois conceitos, erótico e pornográfico, bem visível na obra quando Lady Chatterley faz uma das primeiras visitas à floresta que rodeia a mansão, induzida pela enfermeira de Clifford. Constance protagoniza cena na qual ela vaga pela floresta em meio ao vento frio de março que fazia a copa das árvores fremirem, contrastando com as flores que começavam o despertar primaveril. A descrição é dotada de sensualidade e escrita de maneira poética. “A fúria do vento

rugindo lá em cima; embaixo Constance só sentia o frio das correntes. [...] Caminhava com dificuldade em meio a abundância vegetal, colhendo aqui uma 'primavera', ali uma violeta de perfume gelado. E ia-se encaminhando não sabia em que direção” (LAWRENCE, 2008, p. 109).

Lady Chatterley fica impressionada com a beleza do bosque que circunda a cabana dos faisões. Mellors, por outro lado, ao vê-la se aproximar fica extremamente incomodado com sua presença feminina, pois ele havia lutado muito para se desfazer daquela ligação com o mundo, principalmente as mulheres, tal qual se nota na passagem a seguir: “Sim, era a mulher à espera do homem – e, ao sentir isso, uma eletricidade lhe correu pelo corpo – mas o espírito reagiu. A Mellors repugnava qualquer contato humano” (LAWRENCE, 2008, p. 113). Aquela mulher forçando a sua presença causou-lhe um sentimento de repugnância e ele tentou de todos os modos expelir aquele desejo que o angustiava.

O erotismo do momento envolve todo o cenário que os cerca. A mistura das últimas friagens do inverno, onde o vento excita e afogueia as faces da personagem semelhante à aparência do corpo ao final do ato sexual, bem como da chegada da primavera, o desabrochar das flores. É como uma metáfora do despertar dos corpos, de ambos os amantes, do frio invernal que eles tinham imposto a si próprios.

Por outro lado, a mulher à espera do homem sugere certa devassidão de sentimentos. Algo de teor mais selvagem como o macho aguardando a fêmea para realizar a cópula. Implicitamente, aquele corpo feminino pronto para o sexo clama pelo masculino de modo inexorável, a natureza não permite essa recusa.

O momento da primeira relação carnal dos amantes também mistura de certa forma erotismo e pornografia. Erótico pelo clima que os envolve: Constance se encontra num estado de fragilidade exacerbado e comove-se com o ninho de uma galinha cheia de pintinhos, ao tentar tocá-los eles lhe bicam. Para ela isso é como se fosse a natureza lembrando-lhe que devido à impotência do marido ela será sempre uma mulher incompleta. Já Mellors enfrenta um conflito interno muito forte no que concerne ao desejo que esta mulher desperta nele. No entanto, a cena que ele presencia e o choro de Constance diante do ocorrido também o comovem. “Havia nela qualquer coisa de tão mudo, de tão desolado, que suas entranhas de homem se comoveram. [...] No seu interior o fogo rebentou incoercível” (LAWRENCE, 2008, p. 144).

Já a descrição do ato sexual é explícita, com o uso de termos muito secos, diretos. Para um leitor puritano ou de rígida moralidade, isso poderia concorrer para uma leitura mais pornográfica da situação, como se pode observar a seguir:

Constance ficou estendida, completamente imóvel, numa espécie de sono. Estremeceu ao sentir a mão suave que, hesitantemente desajeitada, se metia entre suas roupas. Mão que soube despi-la como convinha. Sua leve calça de seda foi descida até os tornozelos. Depois, com um frêmito intenso de prazer, aquele homem tocou em seu corpo macio e lhe arrepiou o ventre com um beijo. Ia entrar, ia penetrar nela, na paz que era o seu corpo suave e imóvel. Foi um momento de paz perfeita essa penetração em corpo de mulher. [...] Atividade, orgasmo, só da parte dele; ela não fazia nada por si mesma. O aperto dos seus braços em torno dela, o vivo momento do seu corpo, o jato de sêmen dentro dela [...] (LAWRENCE, 2008, p. 145).

Não se pode, contudo, negar o erotismo que permeia a cena e todas as sensações e sentimentos que culminaram nesse acontecimento. A margem entre o erótico e o pornográfico é muito tênue e isso dificulta estabelecer um limite entre um e outro.

As demais descrições e narrações dos encontros dos amantes perduram nessa linha duvidosa entre um conceito e outro. Há momentos de extrema sensualidade em que a questão sexual se mostra de maneira velada e sugestiva. Outras, no entanto, são mais imagéticas e contém palavras de usos mais populares, pode-se dizer chulas. Como por exemplo, o uso de apelidos para os órgãos sexuais que eram utilizados no contexto em que a obra foi escrita. Segundo Maingueneau (2010, p. 23): “A pornografia partilha essa atopia com outras práticas verbais, que variam segundo as sociedades: palavrões, canções lascivas”. Essa utilização de gírias na hora de descrever a atividade sexual é comum na escrita mais pornográfica, apresentando-se também na narrativa de Lawrence (2008, p. 260):

- Sim disse afinal em dialeto – sim, meu filho, tu estás aí. Podes levantar a cabeça! Estás aí e não prestas contas a ninguém. O dono, não é? O meu dono? Tens razão. És mais vivo que eu e fala menos. John Thomas! É a ela que queres? Queres a tua lady Jane? Tu me fizeste recair, podes vangloriar-te disso. Sim, ergues a cabeça e sorris. Pois toma-a! Entra em lady Jane! Dize: “portas, abri, e a glória do rei entrará!” Ah! Que escândalo! Uma cona! Eis o que queres. Dize a lady Jane que queres um cono! John Thomas e o cono de lady Jane! (LAWRENCE, 2008, p. 260).

Os termos dão à cena um teor mais sujo, sórdido. Isso ocorre ainda, quando Mellors afirma que Lady Chatterley “gosta de fornicar, não há dúvida” (LAWRENCE, 2008, p. 256). Em português a palavra foi traduzida como fornicar, entretanto o texto

original traz *fuck*, termo conhecidamente chulo, baixo. “You love fucking all right” (LAWRENCE, 2006, p. 171).

Por uma questão de tradução, que não convém esmiuçar aqui pois não é esse o intuito do trabalho, o termo em português se torna menos agressivo que o original. Todavia, é inevitável dizer que a escrita dessas palavras e gírias atribui um valor mais pornográfico ao romance. Frisa-se ainda que até mesmo na tradução do original, aqui utilizada, existe um pudor com as palavras selecionadas o que reforça o desconforto, dos próprios tradutores, com os termos considerados pornográficos.

### **Considerações finais**

No romance analisado, há uma oscilação entre as duas ideias trabalhadas neste estudo, durante toda a obra. A sugestão do ato sexual de maneira velada e o uso de descrições mais explícitas, termos chulos e gírias acentuam a dificuldade em delimitar efetivamente as margens entre pornografia e erotismo.

A pornografia permeia a obra em variados momentos, sobretudo o autor utiliza gírias ou apelidos para denominar os órgãos genitais e a atividade sexual no lugar de termos que amenizem as descrições. O erotismo acontece no modo como a sugestão de sensualidade em determinadas cenas fica evidente. Além disso, os sentimentos e conflitos que assolam as personagens também pressupõem um panorama mais erótico das cenas.

Entretanto, separar pornografia e erotismo é uma tarefa complexa, pois em determinadas situações eles se mesclam de modo bastante intenso. Logo, definir um limite efetivo entre o erótico e o pornográfico em *O amante de lady Chatterley* é inviável, uma vez que o autor transita entre essas margens durante todo o romance conciliando os dois conceitos, aproximando-os e desassociando-os concomitantemente.

### **Referências**

ARNS, Heriberto. **A Consciência Fálica Existencial na Teoria Literária de D. H.**

**Lawrence.** Disponível em:

<[ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/download/19785/13019](http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/download/19785/13019)> Acesso em 17 jan. 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARPEAUX, Otto Maria. Literatura ou Pornografia? In: MILLER, Henry. **O Mundo do Sexo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CASTELLO BRANCO, Lucia. **O que é erotismo**. São Paulo: Ática, [s/d].

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo: Ática, 1986.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LAWRENCE, David H. A propósito de “O amante de lady Chatterley”. In.: \_\_\_\_\_. **O Amante de Lady Chatterley**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2010a.

LAWRENCE, David H. **Lady Chatterley’s lover**. New York: Dover Thrift editions, 2006.

LAWRENCE, David H. **O Amante de Lady Chatterley**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

LAWRENCE, David H. **O Livro Luminoso da Vida: escritos sobre literatura e arte**. Belo Horizonte: Crisálida, 2010b.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso Pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MORAES, Eliane R.; LAPEIZ, Sandra M. **O que é pornografia**. São Paulo: Ática 1984.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARÇA. Dados Biográficos D. H. Lawrence. Vol. 8. Rio de Janeiro – São Paulo, 1997. In: LAWRENCE, D. H. **O Amante de Lady Chatterley**. Revisão da Tradução: Jorge Luís Penha. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2006.

UNTERMEYER, Louis. Os Forjadores do Mundo Moderno. Vol. 5. São Paulo: Fulgor, 1996.